

## **ensaio Sobre a Universidade Popular. (Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Paraná)**

*Este ensaio foi elaborado pelo Diretório Central dos Estudantes, Gestão Sonhos Não Envelhecem 2007/2008, da Universidade Federal do Paraná, devido a contradições que seus membros e apoiadores encontraram no modelo atual de universidade durante as atuações do movimento estudantil (ME) em todo o Brasil no ano de 2007. O ensaio analisa o modelo atual de universidade, demonstrando suas contradições, e visa propor um novo modelo de **universidade**, a que se deu o nome de **Universidade Popular**. Com a intenção de colaborar e iniciar o debate na UFPR deste novo modelo de **universidade**, o ensaio dividi-se nos seguintes tópicos: 1. O que é a Universidade e para que ela serve? 2. Como é a Universidade Atual? (Quais são suas Lutas e suas Contradições) 3. Por que queremos outra Universidade? (Qual foi o processo que nos levou a essas conclusões) 4. O que será(ia) a Universidade Popular? 5. O que a diferencia da Universidade atual? 5 O que é possível fazer nesse momento histórico? (O que queremos construir, e o que podemos fazer para construir o caminho).*

*O Diretório Central dos Estudantes acredita que como parte da sociedade, próxima a produção de conhecimento, tem o dever de colaborar com a produção intelectual. Assim, este é o primeiro trabalho da gestão 2007/08 que pretende ao decorrer do ano prosseguir, aumentarr e aperfeiçoar suas produções teóricas sobre a universidade, a fim de encontrar os caminhos para se construir uma verdadeira universidade do povo, que produza conhecimento para suprir as necessidades desse povo, ou seja, uma universidade de massas para as massas.*

### **O que é universidade e para que ela serve?**

O que diferencia os humanos do restante dos animais é sua capacidade de transformar a natureza para melhorar sua condição de sobrevivência. Neste processo chamado de trabalho, ocorre também seu aprendizado. Usa-se do conhecido produzido por seus antecessores para realizar novas transformações e produzir novos conhecimentos, que servirão por sua vez, aos que virão e farão novas transformações.

Em seus 100 mil anos de história, a humanidade acumulou muito conhecimento e uma das formas encontradas de repassar esse conhecimento aos mais novos foi a sistematização deste acúmulo; uma dessas expressões é a Universidade. Assim, para além de ser um espaço de apropriação do conhecimento acumulado, a Universidade é lugar privilegiado de produção deste. Isso implica em sua apropriação e seu uso efetivo na realidade; desta maneira, de forma dinâmica, provocando novas transformações e gerando mais conhecimento.

Apesar de todo um esforço do pensamento dominante para nos fazer pensar o contrário, a grande potencialidade humana se deve à sua existência coletiva, somente através da apropriação social do conhecimento que se humanizam os indivíduos.

Na atual universidade se expressa, vulgarmente, a grande contradição própria do capitalismo. A apropriação individual do conhecimento, com a produção acadêmica voltada para as esferas privadas da sociedade, contradiz a possibilidade da imensa maioria da população, que é financiadora da universidade através de seus impostos, ou seja, que possibilita a existência de tal instituição, de terem acesso ao conhecimento ali produzido, ou ainda de poderem produzir um conhecimento, na universidade, que de fato lhes seja útil.

O objetivo da Universidade é produzir ciência, que por sua vez busca estudar as leis de mudança que regem os fenômenos partindo de fatos concretos e não das idéias que temos desses fatos para compreender o movimento do real em seu conjunto. Porém, a ciência não é neutra, vem carregada de ideologia e permeada pela “consciência” de quem a produz.

A consciência é resultado da atividade social, da práxis. Cada pessoa (ou grupo social) possui sua própria prática social, oriunda do seu modo específico de vida e por isso possuem diferentes consciências. Entretanto, as idéias dominantes de uma sociedade não é o conjunto de todas as idéias existentes na própria, e sim, somente, o conjunto de idéias da classe dominantes, fruto de sua própria realidade. Todos os membros então passam a ter a mesma consciência da classe dominante, mas de fato essa consciência só é consciência para a classe dominante, pois para esse grupo há uma base material. Para os dominados essa “consciência” não passa de ideologia, pois não tem ligação com sua realidade.

A ideologia é utilizada como instrumento da luta de classes para impedir que a dominação e a exploração sejam percebidas em sua realidade concreta. Para tanto, é função da ideologia dissimular e ocultar a existência das divisões sociais como divisões de classes, escondendo, assim, sua própria origem .

## **Como é a Universidade Atual?**

A universidade atual reproduz relações de produção tipicamente capitalistas, pois sustenta-se na manutenção da hierarquia, soterrando as práticas que questionam o capital, tais como a solidariedade e a autogestão. Esta Universidade pela qual o movimento estudantil nas últimas décadas vem lutando com a bandeira “*Pública, gratuita e de qualidade*” é a universidade do capitalismo, que serve ao capital e as necessidades da classe dominante, a burguesia.

Existe como instrumento necessário à reprodução do capital. É o “*profissional*” de nível superior formado no modelo atual, parte necessária no sistema de produção e funcionamento social, mesmo em países “subdesenvolvidos” (leia-se em desenvolvimento eterno) como o nosso, são necessários no processo. A formação de cientistas e pesquisadores não é zero, no entanto vem diminuindo gradativamente e agressivamente enquanto a produção de conhecimento ali gerada não beneficia a classe trabalhadora mais caminha junto à lógica mercadológica, ou seja, a produção de conhecimento voltada ao mercado, ao capital, ao meio empresarial. Assim, esta universidade deixa de ser e produzir aquilo que se imaginou idealmente, reduzindo-se a formação de profissionais **reprodutores**

de conhecimento. No fundo, o mais importante não é o aprendizado do aluno, mas que ele se enquadre aos padrões determinados pela escola e a sociedade.

Na atual universidade, o projeto educativo - de feição autoritária e alienante- favorece o produtivismo e causa falsas identificações: "aprender *versus* ser ensinado, valer para alguma coisa *versus* ser reconhecido pelos títulos outorgados pelo sistema, ser inteligente *versus* assistir às aulas, submeter-se a exames, o grau de cultura de um país com a porcentagem da população escolarizada".

Uma das razões para a regressão da formação científica e na produção de conhecimento, gerando meras reproduções, são políticas governamentais que seguem a linha modelo estabelecida para a educação de países de terceiro mundo pelo Banco Mundial; as quais no Brasil, nos últimos anos, são expressas principalmente através dos governos FHC e LULA.

As diretrizes dos documentos do Banco Mundial aconselham o investimento massivo na educação básica, e freio constante em educação superior; lógica esta que faz com que países de terceiro mundo "melhorem" sua economia aos olhos do Banco Mundial, ou seja, faturem, oferecendo mão de obra barata, sendo a formação superior necessária apenas em quantidade limitada. A formação de pesquisadores e a produção de conhecimento não trás ao terceiro mundo uma lucratividade relevante à economia e desenvolvimento de acordo com o Banco Mundial.

As políticas adotadas que separam ensino de pesquisa baseiam-se **nesses sentido**. O terceiro mundo desta forma reproduz o conhecimento gerado nos países de primeiro mundo. Desta maneira, se a produção de conhecimento já não é voltada para suprir as necessidades da classe trabalhadora e sim ao capital, a tendência da nossa universidade é a interrupção da pouca produção de conhecimento ainda produzido para a total importação deste, tornando o país ainda mais dependente das grandes potências econômicas.

Um dos grandes problemas do modelo atual é a sensação provocada no estudante de um ambiente neutro e igualitário, onde classes sociais diferentes se agrupam num mesmo sentido e objetivo deixando de se reconhecerem e diferenciarem enquanto classe. Para entender a universidade torna-se necessário enxergar o conflito de classes que a permeia (a universidade produz uma fachada que esconde este conflito), porém o estudante filho da classe trabalhadora, sentindo a sensação de igualdade na sala de aula, deixa de se identificar como parte da classe trabalhadora e passa a pensar em si como concorrente ou sócio de seus companheiros de turma, muitas vezes de melhores condições de vida e pertencentes às classes dominantes, considerando-se tão capaz de ser bem sucedido no mercado de trabalho quanto seus colegas. A fachada da universidade não cai diante de seus olhos, ao contrário, torna-se algo a que se lutar, algo que o tornará igual aos outros, os oprimidos se tornam cegos, passam a desejar tornarem-se opressores e a formação intelectual que a universidade atual ainda garante, formando pensadores que já não servem para pensar a universidade e sociedade. A intelectualidade passa a servir a evolução dos métodos de opressão e exploração capitalista.

Como acadêmico é necessário fazer uma opção de classe não só teórica, pois é possível ser um intelectual anti-capitalista e continuar perseguir seus próprios fins, lutando por uma partilha maior para si da mais-valia global. Isso tudo às custas do operário manual

que, mediante ao aumento da produtividade de seu trabalho, permite que uma camada social (intelectualidade) se exima do trabalho material.

Em suma, ao não fazer a opção de classe cai-se no que Makhaïski escreveu: “o intelectual vende aos capitalistas sua habilidade para extrair o melhor possível o suor e sangue dos operários. Ele vende o diploma que adquiriu graças a essa exploração”.

### **Por que queremos outra Universidade? Qual foi o processo que nos levou a essas conclusões?**

Explicar porque um novo modelo de universidade ao qual foi dado o nome de "Universidade Popular" vem sendo ponta nos debates do movimento estudantil torna-se trabalhoso e complicado. O fato é que nos processos de luta e debates políticos acumulados, principalmente contra o REUNI por todo o Brasil, somados as ocupações de reitorias, a fachada desta universidade se rasgou; novas contradições surgiram e a percepção real da universidade atual acendeu como lâmpada. Nos processos históricos todas as lutas avançam e evoluem, a nossa avançou e evoluiu; não se trata mais de discutirmos, somente, a gratuidade ou a qualidade do ensino, mais sim questionarmos também, sobre qual o seu papel da universidade, a quem e para quem ela esta servindo. Trata-se de entender que esta universidade não nos é (trabalhadores, povo) tão importante como acreditamos que ela fosse por tanto tempo. Esta contradição com o modelo atual que é abordado a frente é disfarçada dentro da concepção criada de onipotência da universidade. O fato de podermos perceber que nossa luta vislumbrava de forma distorcida o terreno não é negativo, ao oposto, somente através da luta foi possível enxergar mais longe. Esta nossa nova visão tornará possível grandes avanços neste modelo de universidade e na constituição de um novo sistema econômico mundial: o socialismo.

### **Sobre a Ocupação:**

Nossa ocupação da reitoria partiu de uma pauta específica: barrar o REUNI. Esse embate acabou originando uma organização política do movimento, decorrente das condições materiais ali postas, e por percebermos as contradições da universidade atual. Foi um momento importante, pois se tratou, para a maioria de nós, da 1º experiência consciente de intervenção política. A comunidade ali criada é a primeira na qual muitos de nós participou efetivamente; momento em que surgiram vários protagonistas da história.

É importante situar que o movimento estudantil não é a vanguarda brasileira, mas parte dos lutadores. A Universidade Popular deve ser o espaço de diálogo entre os estudantes, os trabalhadores e os movimentos sociais. As lutas devem ser construídas em conjunto, ou seja, a base da Universidade Popular deve ser a horizontalidade e a solidariedade; deve produzir educação à serviço do povo e romper com o atual modelo que cria trabalhadores qualificados para a subordinação às empresas.

## O que é Universidade Popular?

A Universidade Popular deve ter como objetivo final “despir” a ciência do capital de sua suposta neutralidade, e provocar os trabalhadores e filhos da classe trabalhadora a produzir e sistematizar conhecimentos oriundos das suas próprias práticas.

Trata-se da reapropriação do saber pelos trabalhadores, de desnudá-lo e resgatar seu caráter social e coletivo. Não mais o saber formal ingressado pela instituição escolar: a própria escola precisa ser transformada. Uma educação “integral e igualitária” como condição de auto-emancipação dos trabalhadores e, portanto de toda a sociedade“. Tragtenberg esclarece aos espíritos incautos que esta “educação integral” não requer a “introdução de artes manuais nas academias, nem de parcializações acadêmicas, trata-se de definir temas a partir de centros de interesses comuns e a estruturação da apreensão do conhecimento se dar como consequência deste processo”.

Para que isto ocorra é preciso contrapor à pedagogia burocrática uma pedagogia crítica fundada em três conceito/formas de ação: *a Autogestão* – que consiste na gestão da educação pelos indivíduos diretamente envolvidos, nos locais onde este se desenvolve (bairros, locais de trabalho, etc). *A Autonomia do indivíduo* – que versa sobre a participação direta do individuo na produção de conhecimento, sua emancipação; e ainda a *Solidariedade*, que significa a estimulação de atividades em conjunto, no coletivo, criticando as formas autoritárias de ensino e as práticas educativas que se fundamentem na competição. Em suma, o objetivo desta educação crítica é: “evitar a emergência de “novos padrões” e “dirigidos”, como “vanguardas”, “elites” e “intelectuais” carismaticamente qualificados ou não, criando estruturas onde a ação se faça pela concordância de todos e não pela imposição de cima para baixo”.

*“A universidade para as massas, cujo melhor termo me parece ser o da Universidade Popular – já que o trabalhador não se deve moldar por outros e sim de forma autodeterminada – é uma universidade que deve ter por objetivo incluir em seu espaços todos que nela queiram entraram, e não para aqueles que de fora a controlam.” (CARIBÉ, 2007)*

## O que diferencia a Universidade Popular da Universidade atual?

O modelo de ensino e de Universidade que temos, praticamente desde sua concepção consiste no inverso ao que a Universidade Popular se propõe. As relações de poder ali encontradas fazem parte de uma falsa democracia pregada no sistema hegemônico político brasileiro, e desta maneira não dizem respeito à vontade e necessidade popular.

A Universidade Estatal que hoje temos, pois é financiada pelo estado, conseqüentemente responderá as vontades dos governantes de Estado, e não a vontade popular. Assim, alguns teóricos trazem a problemática que reivindicar somente uma Universidade pública, gratuita e de qualidade é reivindicar uma universidade subordinada ao Estado, e não uma universidade a serviço dos trabalhadores. Isso pode ser ilustrado pelo fato de que a Universidade, mesmo que antes do Neoliberalismo, nunca foi uma universidade a serviço dos trabalhadores. Alguns autores trazem que, no máximo, essa universidade conseguiu ser de massas - ao exemplo do que o PROUNI propõe - mas nunca uma universidade *para* as massas. Daí a problemática de se propor uma manutenção desse modelo de Universidade.

“A universidade de massas é um projeto do capital na medida em que cria trabalhadores qualificados para a subordinação deste às empresas. Esta não pode ser a universidade popular: É a universidade populista.”

### **O que é possível fazer nesse momento histórico?**

Então devemos abandonar esta universidade? Construir uma nova universidade baseada em nossas concepções “idealistas”? Uma série de questões como estas surgem no momento e é preciso tomar cuidado. O acúmulo de debate e de experiência histórica nos trouxe a este tema e é o debate e a experiência que nos ajudarão a responder claramente e acertadamente tais perguntas, o que não nos impede de trabalhar em cima das questões.

Este modelo de universidade a que chamamos “popular” não deixa de ser utópico em se tratando do assunto no sistema capitalista. Este ideal de universidade claramente não pode ser implantado nesse contexto, pois além de não seguir sua lógica - ao contrário vai contra a lógica – vai contra ao próprio capital. Deixa-se claro que falamos da universidade enquanto instituição padronizada e unificada nacionalmente, ou seja, um modelo de universidade exigido para todas as universidades brasileiras. Já que mesmo em nosso país modelos que seguem a lógica da Universidade Popular já existem, caso da Florestan Fernandes, do MST e das milhares de escolas populares que não produzem conhecimento mas trazem uma nova lógica de ensino para crianças e adultos em assentamentos rurais e urbanos de terra. Uma forma de Universidade Popular dentro do sistema capitalista e por fora de sua lógica é possível. Basta, no entanto que nós revolucionários a elaborem.

Não necessariamente esperar um novo sistema surgir, mais construir de maneiras alternativas espaços que formem pesquisadores e produtores de conhecimento voltados para o povo fora da institucionalidade também são forma de se construir a Universidade Popular. Mãos a obra!

Parece-nos estar claro a lógica deste modelo atual de universidade (na prática), e apesar das evidentes contradições não devemos abandoná-la. Este é um grande ponto do debate, a universidade atual ainda produz pensadores, muitos de nós somos frutos de relações desenvolvidas dentro da instituição, sejam relações de ensino e pesquisa, relações pessoais ou relações políticas com a aproximação das entidades e organizações políticas presentes em seu interior desde sua fundação. O ensino “ainda” é de grande apelo

popular. Parar a produção de conhecimento (uma greve geral de estudantes e professores por exemplo) chama a atenção da sociedade para os problemas levantados na conjuntura em questão. Além disto, é dentro desde modelo atual de universidade que o Movimento Estudantil vem se fortalecendo desde sua existência, é onde estão as suas bases e as suas forças. Ainda existem trabalhos muito importantes a serem feitos pelo ME nessa universidade até que o sistema socialista subjogue o atual.

A visão do campo de batalha muda, no entanto. Este é o sentido deste texto, contribuir para o debate político a respeito de nossa situação e das contradições que firmamos nos últimos meses com a universidade atual, descobrir quais e como serão nossas lutas de hoje em diante é o ponto fundamental. Como o quanto e onde esta universidade pode ajudar em nossa luta é o nosso dever, assim como encontrar os caminhos pelos quais levaremos nossas bases a nossa concepção de Universidade Popular. Já não está em pauta a garantia desta universidade mas sim a transformação desta universidade, e se hoje não nos é possível, então transformemos seus acadêmicos, seus professores, seus técnicos e por fora da instituição apertar as porcas e parafusos de uma outra forma na produção de conhecimento para o povo. Essa é a pauta do dia.

---

*\* Ensaio Elaborados por Francini Xavier; estudante de Nutrição, Kaue Méndez; estudante de Tecnologia de Sistemas de Informação, Lucas Rodrigues; estudante de Farmácia, Rafael Brito; estudante de Ciências Sociais e Renata de Moraes; estudante de Psicologia Estudantes da Universidade Federal do Paraná e membros e colaboradores do Diretório Central dos Estudantes.*

## REFERÊNCIAS

CARIBÉ, D. **Ensaio sobre a Universidade Popular**. Disponível em: < <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2008/01/408104.shtml> >. Acesso em 12/01/2008.

CARIBÉ, D. **DAS FÁBRICAS AO ESTADO, DO ESTADO ÀS FÁBRICAS: A FORMAÇÃO DOS GESTORES ENQUANTO CLASSE**. Disponível em: < <http://www.adm.ufba.br/pub/publicacao/5/MAA/2006/647/DanielCaribe.pdf> >. Acesso em 05/02/2008.

CHAUI. M. **O que é ideologia?** Disponível em: < <http://sabotagem.revolt.org/node/70> > . Acesso em 02/01/2008.

SILVA, A.O. **Maurício Tragtenberg e a Pedagogia Libertária**. Disponível em: < [http://www.espacoacademico.com.br/032/32pc\\_tragtenberg.htm](http://www.espacoacademico.com.br/032/32pc_tragtenberg.htm) > Acesso em 20/12/2007.

TRAGTENBERG, M. **A delinquência Acadêmica**. Disponível em: <  
<http://www.espacoacademico.com.br/014/14mtrag1990.htm> >. Acesso em 22/12/2007.

TRAGTENBERG, M (org.). **Marxismo Heterodoxo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.